

Voz do professor: da multifatoriedade à prevenção

Leila de Abreu Fantini e Leslie Piccolotto Ferreira

Assunção A A, Barreto S M, Medeiros A M. Voice Disorders (Dysphonia) in Public School Female Teachers Working in Belo Horizonte: Prevalence and Associated Factors. *Journal of Voice*. Belo Horizonte, Minas Gerais Federal University: 2007;22:667-687.

O trabalho de, Assunção, Barreto e Medeiros (2007) intitulado *Voice Disorders (Dysphonia) in Public School Female Teachers Working in Belo Horizonte: Prevalence and Associated Factors*, aponta o fato de o professor ser o profissional mais acometido quando tratamos de disfonia, e ressalta que o número de estudos nessa área tem aumentado.

A pesquisa envolveu 2103 professoras de escolas públicas da cidade de Belo Horizonte que responderam questionários durante 15 dias de trabalho. O objetivo foi verificar a prevalência de disfonia nesse grupo de profissionais e investigar a possibilidade de estabelecer associações entre aspectos organizacionais do local de trabalho (entre outros fatores) e a disfonia.

As pesquisadoras definiram três categorias em que as professoras poderiam estar classificadas a partir das respostas fornecidas a duas perguntas do questionário, com possibilidade de apontar a frequência em 'não', 'às vezes' ou 'diariamente' A primeira pergunta foi: "Você se sentiu muito cansada para falar durante as últimas duas semanas?" A segunda: "Você percebeu perda de qualidade de voz durante as últimas duas semanas?" Caso o sujeito respondesse não para as duas perguntas, ele entrava na categoria de ausência de disfonia. Caso respondesse sim para uma, ou às vezes para ambas perguntas, era considerado como portador de uma possível disfonia. Se as respostas fossem diariamente para uma, ou ambas, o sujeito era classificado como apresentando provável disfonia.

Das professoras, 15% apresentaram provável disfonia e 52% possível disfonia. O último dado

encontra-se dentro dos achados apresentados por Ferreira *et al* (2007), que ao comentarem a aplicação do questionário CPV-P, encontram uma variação de 30% (dado registrado em pesquisa com professores de deficientes auditivos) a 86,5%. Provavelmente a diferença está marcada por condições diversas de produção vocal em que cada professor está inserindo.

É importante ressaltar que durante o período da realização do estudo de Assunção, Barreto e Medeiros (2007), havia professoras em licença médica. Provavelmente, algumas dessas estavam afastadas por problemas vocais, porém, devido à ausência, não puderam participar. Na linha desse raciocínio, mais profissionais apresentariam provável disfonia. Independente da última colocação, o número é alto, mas o problema é, o que vamos fazer com esse número? Como podemos melhorar a qualidade de vida desses professores?

Das professoras que participaram da pesquisa aqui resenhada, a maioria tem formação superior (94%) e metade delas fez pós-graduação. Porém quantas sabem o que é saúde vocal? Infelizmente, não foram informadas durante sua formação em nível superior. Além disso, fica muito difícil trabalhar com os professores depois que estão em sala de aula, principalmente no ensino público, uma vez que sofrem com as más condições de trabalho. Segundo os dados das autoras, das professoras do estudo, 62% já haviam sido agredidas por alunos e 40% por pais de alunos. Quando cruzadas essas informações com prováveis e possíveis disfonias, as pesquisadoras encontraram correlação entre as disfonia e denúncias de agressão. Frente a essas

condições de violência cabe um questionamento: em que grau de preocupação o professor considera a orientação de utilizar a voz de maneira correta ou beber água quando está diariamente com medo de ser agredido?

Para as autoras é importante considerar que muitos professores pioram sua performance no trabalho quando tem disfonia, e 30% dos sujeitos afirmaram terem saído de seus trabalhos devido a problemas de voz. Além disso, dos professores, 40% se queixaram de sinusite, rinite alérgica, amigdalite e faringite, provavelmente causados pela má ventilação das salas de aula e pelo uso de giz. Houve associação significativa entre má ventilação e disfonia.

No mesmo artigo foi verificado que transtornos mentais e aumento do estresse também se mostraram significativos em relação à progressão da disfonia, assim como o ruído que faz com que professores falem com mais intensidade e até cheguem a gritar. Porém, muitos professores acreditam que a disfonia faz parte do fardo que eles carregam, e não compreendem que esse problema vocal pode ser amenizado ou até mesmo evitado.

Segundo as autoras, ao apresentarem a literatura nacional, 50% a 80% dos professores brasileiros apresentam queixas de cansaço vocal. Esses são números assustadores quando comparados a outros países como Estados Unidos, Espanha, e a sonhada e desejada Finlândia, países esses com 18 a 32%; que aspectos responderiam a essa pergunta? Provavelmente, fatores econômicos e sociais se entrecruzam. Por um lado, encontramos a questão de natureza econômica da destinação de verbas à Educação, e o fato da maioria dos professores serem mal remunerados, precisando trabalhar em mais de uma escola. Além disso, muitas salas excedem o número de alunos permitido. Por outro lado, nos deparamos com a questão social da agressão e da desvalorização do papel do professor na sociedade. Enfim, os fatores são diversos, mas há chance de revertermos essa situação, se a profissão voltar a ser reconhecida economicamente e socialmente. Os cursos de licenciatura poderão ter um importante papel nesse processo. Acreditamos que parte dessa questão pode ser resolvida a partir do momento em que o foco não esteja voltado apenas para o aluno e seu aprendizado, mas também para o trabalho de desenvolvimento de competências pedagógicas necessárias para ser professor, este perceberá a sua importância e a necessidade de

conhecer mais sobre seu instrumento profissional de comunicação: a voz.

O ponto crucial apontado pelas pesquisadoras Assunção, Barreto e Medeiros (2007) é que a literatura ressalta os efeitos de problemas vocais na qualidade do aprendizado do aluno. Acreditamos ser a peça chave para atingirmos os responsáveis pelo estabelecimento de diretrizes curriculares nacionais, argumentando que o professor formado com informações a respeito da saúde vocal, além de não causar prejuízo financeiro para o Estado, garante oferecer mais qualidade de ensino para os alunos.

Referências

- Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva EE, Karmann DF, Souza TMT. Condições de produção vocal de professores da prefeitura do município de São Paulo. *Revista Distúrbios da Comunicação*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2003.
- Ferreira LP, Giannini SPP, Latorre MRDO, Zenari MS. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. *Revista Distúrbios da Comunicação*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2007.